

ROCHA DE MATOS

# Necessária a cooperação Universidade-Indústria

«A universidade e a empresa terão de ser mundos complementarizados, no sistema global da sociedade e da economia portuguesa», dirá amanhã Rocha de Matos, num encontro com empresários a realizar na Universidade Católica, sob o tema «A Colaboração Universidade/ Indústria perante a Integração na CEE».

O Presidente da AIP destacará alguns pontos daquela colaboração, como a participação da indústria na definição dos currículos dos cursos superiores, a realização de estágios empresariais, como componente prática da formação universitária e a abertura da universidade a reciclagem técnica e cultural dos empresários.

Depois de fazer uma retrospectiva da economia portuguesa, Rocha de Matos afirmará que o País se encontra num momento crucial decisivo da sua história. «Confronta-se de um lado com um passado de relativa atrofia económica, com uma indústria jovem e ainda incipiente em muitos sectores, visivelmente marcada por anos de condicionamento industrial, a que se seguiram profundas convulsões estruturais e vários estádios de desenvolvimento. Portugal joga provavelmente, nos próximos dois ou três anos, o seu futuro, claramente enquadrado entre duas alternativas possíveis: A via do desenvolvimento, da modernização e da inovação e do alinhamento por padrões económicos, culturais e sociais em todo idênticos aos dos restantes Estados europeus, ou, no outro extremo, a via da subalternização, da periferização em relação aos grandes centros de desenvolvimento, se quisermos mesmo, do agravamento do fosso que nos separa da Europa da CEE e simultaneamente nos aproxima do Terceiro-Mundo».

Faça a este quadro, Rocha de Matos defende a «concretização coerente de um modelo de desenvolvimento que privilegie a

inovação e o desenvolvimento tecnológico e que permita potencializar, em termos positivos, os múltiplos impactos decorrentes da nossa entrada no Mercado Comum». «O objetivo consistirá afinal», prosseguirá o Presidente da AIP, «na efectiva transformação estrutural da economia portuguesa e na verdadeira modernização do aparelho produtivo num horizonte temporal alargado, variando entre dez e vinte anos».

De acordo com Rocha de Matos, um modelo de desenvolvimento que assegure o relançamento e a subsequente expansão e modernização do País, deverá contemplar parâmetros tais como: «A consolidação tecnológica e financeira dos sectores tradicionais da produção industrial portuguesa, mediante a racionalização dos seus métodos de gestão e de produção, a exploração exaustiva e optimizada dos recursos naturais existentes e das matérias-primas disponíveis, o desenvolvimento acelerado dos sectores onde já dispomos de alguma tecnologia avançada (microelectrónica, biotecnologia, robótica, electro-medicina, energias renováveis, etc.)».

Dirigindo-se aos novos empresários, Rocha de Matos dirá: «Terão que apostar decisivamente no papel da inovação e do desenvolvimento de novas tecnologias, terão que compreender a internacionalização crescente das economias, terão que assumir por inteiro e, seguramente, numa forma ainda mais ousada, o lado mais nobre da função empresarial, isto é, o



criação de uma base produtiva sólida, ampla e susceptível de apoiar uma expansão significativa, em direcção aos mercados externos».

Finalmente, Rocha de Matos falando do factor trabalho dirá que «enquanto agente económico, os ventos da mudança exigirão também uma atitude radicalmente diferente, por exemplo, face à legislação laboral e aos conceitos de segurança do emprego, no sentido da aceitação duma maior flexibilidade que, dotando de maior agilidade o investimento e facilitando a rentabilização das estruturas produtivas, acaba por induzir novos investimentos, multiplicar os postos de trabalho e, logo, em última análise, a favor dos próprios trabalhadores».

Por sua vez, o Director do Centro de Estudos Europeus da Universidade Católica preconizará «mecanismos flexíveis e pouco formalizados de articulação Universidade/ Indústria, em que possamos identificar os problemas comuns e pôr em conjunto os nossos recursos que, por serem efectivamente escassos, terão de ser administrados convenientemente». «Para tal esforço», continuará Hernâni Lopes, são fundamentais «a consciencialização e o empenhamento dos empresários e dos responsáveis universitários, a compreensão da oportunidade desse esforço, que a universidade assegure a reprodução do conhecimento, a criação de novo conhecimento pela investigação pura e a salvaguarda de padrões de qualidade, e que as empresas sejam capazes de definir bem as suas necessidades e de ter presente que o investimento nos diferentes tipos de formação do seu pessoal é uma das formas mais rentáveis de investir».

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Empresas. rel.-c/ universidade